

# Política econômica já mudou

Economia - Brasil

ESTADO DE SÃO PAULO

17 JAN 1991

**Presidente do Banco Central diz que agora a prioridade é o entendimento amplo**

MIRIAM LEITÃO

BRASÍLIA — Nova rodada de reuniões foi feita ontem no gabinete da ministra Zélia Cardoso de Mello com os principais membros da equipe econômica. O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, que ficou lá da manhã até as 16 horas, adiantou algumas das conclusões a que se chegou: a crise do Golfo, já está produzindo estragos na formação das expectativas, que é hoje o grande impulsor da inflação no País. Em resposta, é preciso acelerar a adoção de algumas das medidas do governo Collor, como o esforço para criar uma economia competitiva e a luta pelo pacto político.

“Quem lê devagar os jornais já percebe que alteramos em parte a política econômica, dando prioridade à construção de uma mesa de negociação mais ampla que a do entendimento nacional”, disse Eris. Outra conclusão a que se chegou na reunião, segundo outro assessor da ministra Zélia, é que a esperança de inflação em queda fica adiada para março, porque em janeiro a taxa deverá ficar no mesmo nível que de dezembro e em fevereiro o País vai enfrentar nova alta.

Ibrahim Eris, que não quis fazer especulações sobre a taxa, disse que em nenhum momento foi feito um estudo prevendo 22% em janeiro e 30% em fevereiro. “Hoje, eu e Zélia vasculhamos todas as gavetas e não achamos nenhum estudo que diga isso”, afirmou, sorrindo.

Eris nega que o governo esteja preparando um novo pacote, mas admite que conflito no Golfo Pérsico num momento em que a inflação está alta exige vários ajustes: a política fiscal precisa ficar mais rigorosa “porque o governo deve equilibrar suas contas em 1991 e a operação da política monetária passa a ser mais difícil, o que exige revisão das projeções”.

Segundo Eris, na última segunda-feira, que foi toda dedicada a uma maratona de reuniões no gabinete da ministra Zélia, a equipe econômica montou uma série de cenários sobre a evolução do conflito para responder a basicamente uma questão: “Que aumento de preço do petróleo será possível suportar no balanço de pagamentos?” Nessa conta, segundo Eris, entrou pelo menos um dado positivo — a acumulação de reservas significativas em dezembro.

O aumento “suportável” do preço do combustível depende de vários outros fatores. Quanto menor for o consumo, maior será

a capacidade da economia brasileira de suportar o crescimento dos preços. Os técnicos do governo consideraram como mais provável um cenário de crescimento dos preços do petróleo até março e depois queda ou acomodação. Com base nessa previsão, começaram a ser montadas as hipóteses de aumento dos preços dos combustíveis.

Por pior que seja o momento econômico, o presidente do Banco Central relaciona motivos para otimismo:

1) a safra de 1991 será melhor que a do ano passado; 2) os novos governadores chegam dispostos a manter uma política de austeridade; 3) os mercados estão bem, o governo continua conseguindo vender LFTs mesmo com a inflação em 19%, e o ágio do dólar não tem subido.



**Ibrahim Eris: reservas monetárias subiram mais em dezembro**